Jonh C. Blood

O ETERNO RETORNO

e outras histórias

Jonh C. Blood

O Eterno Retorno

e outras histórias

O eterno retorno

Perguntou a si próprio o que estava a fazer, à meia noite, à porta de um cemitério,que por acaso até estava aberta, convidando-o a entrar. Tentou ouvir, à sua volta, alguma voz que lhe respondesse; mas nem um som lhe chegou aos ouvidos, nem sequer o de algum pássaro nocturno, como o rouxinol, que habitualmente frequenta aquelas paragens sinistras em busca de almas a precisarem de consolo. Empurrou o portão, e o ruído dos gonzos enferrujados lembrou-lhe que também as coisas materiais chegam ao fim, tal como os corpos que, no entanto, só por uma ilusão piedosa sustentam a crença na perenidade da vida.

A lua saltou, por instantes, de trás de uma nuvem escura que ameaçava temporal. «Era o que me faltava», pensou, « entrar num cemitério deserto, à meia-noite, e ainda por cima sujeitar-me a uma chuvada.» Com efeito, logo a nuvem retomou o seu lugar, fazendo com que a treva fosse total. Começou a sentir, então, os primeiros pingos de chuva; e, com eles, o cheiro intenso a flores e à resina do cipreste, que emprestam a um cemitério esse ambiente perfumado que ninguém consegue esquecer. Correu a abrigar-se debaixo de um jazigo em forma de templo romano, cujas colunas sustentavam uma estátua feminina, com os braços levantados para o céu, iluminada pela luz de um candeeiro da rua que o muro não conseguia tapar. Encostou-se à porta de vidro, ainda ofegante da corrida, e sacudiu os pingos do cabelo, num gesto automático.

Encostado à porta, não conseguiu evitar uma sensação inquietante de que que alguém o espreitava de dentro do jazigo. Hesitou entre fugir, cedendo a esse medo irracional, e virar-se, para enfrentar, mais do que a obscuridade mortuária da construção, o seu universo de fantasmas interiores. O que o fez voltar-se, porém, foi uma súbita pontada de vento nas costas, como se a porta do templo se tivesse aberto. De facto, estava

escancarada, mostrando-lhe um espaço iluminado por uma vela enorme, que deixava bem à vista as prateleiras onde estavam dois caixões cuja madeira preciosa, corroída pelo tempo, indicava a antiguidade do túmulo. Entrou, ouvindo logo o bater da porta por detrás de si, num ruído definitivo que o cortava do mundo dos vivos.

Talvez a curiosidade fosse mais forte do que o medo; o que é certo é que raspou com o dedo o pó que impedia a decifração das legendas que identificavam os sepultados: «Aurélia» e «Diotima», leu em cada um dos caixões. Os nomes tinham ressonâncias literárias, que o tranquilizaram, como se esse elemento familiar pudesse apagar o sentimento de horror que o lugar lhe inspirava. De dentro da madeira, porém, começou a sentir ruídos, que o forçaram a tentar abrir a porta num movimento desesperado.

— Por que te queres ir embora?

A voz da mulher paralisou-o. Não se conseguiu virar, como se estivesse preso ao chão, nem quando uns braços frios o agarraram, voltando a puxá-lo para dentro. Junto da vela, o vulto puxou uma lage, presa com uma corrente, abrindo a entrada de umas escadas que desciam para um salão subterrâneo. A sugestão de um lugar iluminado e espaçoso fez com que não se interrogasse, ao descer a íngreme escadaria, deparando com um espaço amplo, aquecido por uma lareira onde ardia um fogo vivo, em frente de um canapé tapado com uma manta que a mulher retirou, deixando à vista a seda preciosa e lavrada segundo técnicas cujo segredo há muito se perdeu.

— Senta-te. Quero falar contigo.

A voz tornava-se enérgica, impedindo-o de reagir. De resto, sentia-se ainda incapaz de ter qualquer atitude, como se fosse um autómato manipulado por forças superiores.

— O meu nome é Diotima. Dormi muito bem este tempo todo, sem que ninguém me tivesse vindo acordar. O teu dedo, porém restituiu-me a respiração de

que eu precisava para que os sonhos regressassem ao meu espírito. Não te aflijas. Verás como o teu gesto me inundou de alegria, obrigando-me a abrir a tampa que cobria a minha sombra no lugar do esquecimento eterno.

Enquanto dizia isto, Diotima despia-se. Os cabelos louros saltavam para cima dos ombros nus; e os seios pálidos cresciam sob o crepitar das chamas, que se confundia com uma respiração forte e irregular. No fundo do ventre, o triângulo dourado do sexo desprendia um fumo que ele identificou com o incenso, como se fosse o cálice de uma celebração religiosa que ele tivesse de levar à boca para beber o licor ritual.

— O que é o passado?, continuou Diotima. Nada me pode fazer esquecer o sofrimento daqueles últimos meses. Tinham-me proibido de ver o meu amante. Mandei-lhe bilhetes, combinando encontros, quase sempre à tarde: uma hora, às vezes menos, quase sempre apenas de raspão, antes que nos surpreendessem. Encontrávamo-nos num casebre do quintal, onde se arrumavam ferramentas do jardim e velhos objectos inúteis. Fazíamos amor em cima de mantas sujas de terra e de musgo. Quando eu queria gritar, ele tapava-me a boca, para que os criados não ouvissem; a não ser nos primeiros dias do inverno, quando os trovões da tempestade tapavam os nosso uivos de prazer. Ai de mim: isto é o passado! E o que é o presente? Como é que um corpo que conheceu o ímpeto desses êxtases sublimes, de onde se sentia renascer de cada vez para uma nova vida, pode agora reencontrar o desejo de um futuro com todas as suas ilusões e esperanças?

Sentara-se ao seu colo, e abraçava-o, enquanto falava, impedindo-o de ver o seu rosto. Sentia que a energia o abandonava, como se passasse para o corpo dela através dos seios cujos bicos lhe tocavam a testa, num contacto que não conseguia evitar, embora sentisse que a única forma de manter a sua vitalidade era separar-se daquela pele fria que lhe usurpava a vontade. No entanto, já conseguia mexer as mãos; e procu-

rava com elas o caminho para a entrada do sexo em cujo calor húmido sentia a única possibilidade de recuperar as forças.

— Sei o que procuras por dentro de mim; mas no mundo real que nos engloba, como se fizéssemos parte dele, esta relação de sentidos não poderá subsistir. Cada um de nós terá de seguir o seu caminho. O que tu despertaste com a tua curiosidade não é algo que se possa reduzir a um sonho. Agora estamos condenados um ao outro; e é por isso que terei de te contar o resto da história. Foi assim: ele partira, deixando-me estendida em cima da manta, nua e enlameada, mas envolta num prazer que me impedia de distinguir entre o real e o sonho. Era inverno, como te disse; e o frio da cabana começou a atingir-me, desentorpecendo-me da estranha sensação em que o amor nos deixa. De súbito, começou um temporal, que me impediu de sair. Em breve o nevão tapou a porta da cabana, fazendo-me sentir prisioneira. Nessa altura, senti um movimento por detrás de um velho armário, cheio de pó e de teias de aranha. Tapei-me com a manta mas, antes que me pudesse levantar, o velho jardineiro saltou desse canto, onde se escondera, assistindo a toda a nossa sessão de amor, e agarrou-me pelos ombros. Quis gritar mas a sua boca esmagou a minha, sorvendo-me com uma força brutal. Ao tentar empurrá-lo, puxei a capa que o cobria, que caiu para o chão deixando-lhe o corpo nu. Até então, as nossas relações tinham sido distantes, como o são habitualmente as relações entre senhora e servo. Quando a sua lança me penetrou, porém, rendi-me ao domínio absoluto da natureza que aquele homem personificava com o seu desejo impetuoso como a corrente dos rios. Não sei quanto tempo duraram os nossos abraços. Lembro-me, no entanto, de que lhe pedi vezes sucessivas que me ferisse com a sua arma, cuja lâmina se mantinha aguda e húmida.

Enquanto ela falava, tinha-o despido, e praticava com ele o acto que as suas palavras iam descrevendo

por entre suspiros. Nunca conhecera um prazer como aquele: o seu e, através de si, o de inúmeros outros que tinham gozado a sensação extrema da entrega amorosa.

— Quando acabámos, o meu corpo era um vestígio da humanidade que, alguma vez, existira em mim. O contacto com a vertigem do êxtase, de mistura com as circunstâncias do lugar — a sujidade, o frio, o pó e o cheiro a mofo dos objectos — fizeram com que, para mim, o amor passasse a ser indissociável desse cenário corrupto. Nunca mais me conseguiria habituar a uma ligação estável, numa cama limpa, sem o perigo de alguém me espreitar de trás de um armário, pronto a saltar como a ave de rapina que espreita a sua presa. É por isso que te capturei, aproveitando a tua distracção. Agora, sei que não conseguirás fugir ao meu domínio. Por isso, amanhã, espero-te a esta mesma hora. Não precisas de te preocupar com o caixão. Limita-te a puxar a argola que permite levantar a lage, desce as escadas, sem precaução, e encontrar-me-ás aqui, à tua espera.

Dito isto, saltou de cima dele, envolveu-se na manta que tapava o sofá e desapareceu por uma porta que se abriu ao lado da lareira. Ele levantou-se, ainda aturdido pelo que acabara de se passar. Vestiu-se, dirigindo-se à porta, que tentou abrir, sem sucesso. O fogo estava quase a apagar-se, fazendo com que a cave regressasse à escuridão. Ia começar a subir as escadas quando alguém lhe agarrou no braço.

— Espera, não te vás embora.

A voz vinha de uma outra mulher, cujo penteado ruivo chispava com os últimos reflexos do lume.

— O meu nome é Aurélia. Assisti a tudo o que se passou. Uma vez mais, Diotima aproveitou-se da imprudência humana. Vejo, pela tua palidez, que é tarde para fugires ao destino que te espera. No entanto, toma este anel. Quando vires que tudo está perdido para ti, não desistas: pede que Diotima te dê a mão e, nessa altura, mete-lhe no dedo esta jóia. Será a tua última possibilidade de te salvares.

Ele agarrou-a pelos pulsos, como se precisasse de sentir aquele corpo preso ao seu para se aperceber da realidade daquilo que vivia. Aurélia riu-se:

— Sim, não tenhas medo. Nada disto é uma história de fantasmas. Esta cave tem ligação com a casa que poderás encontrar, à saída do cemitério, se tomares a pequena rua que desce para o rio. É aí que vive Diotima, com o marido; e a história que te contou é autêntica. A sua incapacidade de amar um homem de forma normal resolveu-se através deste complicado sistema, para o qual o marido utilizou o seu dinheiro e o facto de possuir um jazigo de família que serve de cobertura a esta ficção espectral. Já muitos homens têm caído nesta armadilha, de que nunca conseguiram sair com vida, apesar dos conselhos que lhes dei.

Soltou-a. Tudo isto lhe parecia inverosímil. O rosto de Aurélia aproximou-se do seu, com uma expressão diabólica, para lhe perguntar se queria uma bebida, que ele aceitou com um gesto mecânico. Ao tocar o álcool pareceu-lhe que os lábios se queimavam. No entanto, bebeu o copo de um trago, para recuperar o ânimo e a capacidade de raciocínio. Viu, então, que Aurélia tinha apenas uma camisa de noite transparente, que a cobria até aos pés mas deixava entrever a plenitude das suas formas. Agora, desejava este corpo, muito mais do que desejara Diotima. Não pôde evitar, porém, que as lágrimas lhe corressem pelos olhos, dando a Aurélia a imagem do seu desequilíbrio interior.

— Compreendo que reajas deste modo. Amanhã, eu não estarei aqui para te ver, nem para te oferecer a minha protecção, mas se fizeres o que disse, não receies.

E, com um beijo, empurrou-o para as escadas. Ao retomar o contacto com o ar exterior, viu que a tempestade já dera lugar a um céu limpo onde as constelações se iam apagando com o primeiro sinal luminoso da madrugada. Estremeceu com a ideia de que, daí a poucas horas, estaria num mundo normal, entre gente

ocupada nos seus afazeres quotidianos, correndo entre as casas e os empregos, entregue às suas existências fúteis, nas quais a morte e os segredos da noite não tinham qualquer interferência. O dia decorreu, para si, como se fosse uma eternidade. Os minutos corriam com a lentidão de horas; tudo o aborrecia. Resolveu, então, voltar ao cemitério. Estava fechado. Deu a volta ao muro, em busca da pequena rua de que lhe falara Aurélia. Encontrou-a, de facto, mas era um beco sinistro onde só uma velha ruína se encostava ao cemitério, sem sinais de ter tido qualquer habitante desde há muitos anos. Viu, numa placa de pedra partida pelo tempo, que se chamara «Casa da Torre». Com a luz do sol, a noite anterior parecia-lhe bem longe, e mais longe ainda os acontecimentos inverosímeis de que fora o protagonista.

Reparou, então, que a noite caíra. O beco fora invadido pela obscuridade, colocando-o numa situação ameaçada. O vento começara a soprar, fazendo com que os ciprestes deixassem ouvir uma música sinistra, que o fez recuar, a princípio com passos cautelosos, depois numa corrida que o levou até ao largo onde se sentiu um pouco mais em segurança.

Perguntou, então, a si próprio o que estava a fazer, à meia noite, à porta de um cemitério, que por acaso até estava aberta, convidando-o a entrar. Tentou ouvir, à sua volta, alguma voz que lhe respondesse; mas nem um som lhe chegou aos ouvidos, nem sequer o de algum pássaro nocturno, como o rouxinol, que habitualmente frequenta aquelas paragens sinistras em busca de almas a precisarem de consolo. Empurrou o portão, e o ruído dos gonzos enferrujados lembrou-lhe que também as coisas materiais chegam ao fim, tal como os corpos que, no entanto, só por uma ilusão piedosa sustentam a crença na perenidade da vida...

O Enigma de Salomé

Naquela noite, Jean-Jacques Rousseau sentou-se à sua banca de trabalho para escrever um conto cujo título seria "Salomé e o fogo". Como de costume atou uma toalha humedecida à cabeça, apesar do frio, para evitar que as pálpebras se fechassem devido ao sono que o assunto lhe provocava. Os cenários orientais confundiam-se, na sua imaginação, com a voz monótona de uma ama que lhe recitava as "Mil e Uma Noites". A infância, com o peso esmagador de uma memória entorpecida pela idade, atormentava-o, impedindo-o de se concentrar na figura da pérfida sedutora. Uma chuva miúda começara a cair, batendo nos vidros com uma música que o crepitar do lume pontuava. Rousseau adormeceu.

Quando acordou, com uma rajada mais forte do vento, viu que uma difusa claridade, por detrás do bosque, indicava que a madrugada estava próxima. Sobressaltado, lembrou-se da página que se comprometera a escrever, e ia soltar uma interjeição blasfema quando, ao olhar a folha de papel, a viu completamente cheia com uma escrita cerrada e minúscula, muito diferente da sua. A princípio, sentiu-se vítima de uma cabala, de uma dessas mistificações que ele suspeitava em todos quantos o rodeavam; depois, porém, apercebeu-se de que ninguém poderia saber que ele se refugiara, incógnito, naquela estalagem da fronteira franco-suíça. Mais calmo, pegou no papel e leu o seguinte:

"Eu, Salomé, filha do rei Herodes, aos meus futuros juízes:

Naquela noite, a décima quinta depois da prisão do profeta João, começou a doer-me a cabeça pouco antes da hora de jantar. Ia recolher aos meus aposentos aconselhada pelo astrólogo sírio, quando vejo uma agitação inesperada no pátio dos soldados. Apesar disso, deitei-me e dormi o suficiente para sonhar que meu pai Herodes, com uma espada de fogo, degolava

um cordeiro, de cuja garganta saía outro cordeiro, que meu pai, Herodes, com uma espada de fogo degolava, e de cuja garganta saía outro cordeiro, etc. Ao chegar ao décimo quinto cordeiro, sou acordada por um servo que me apresenta uma bandeja tapada com um pano.

— Uma surpresa de vosso pai, Herodes!

Destapo a bandeja e dou com a cabeça do profeta Baptista! Atiro-a para o chão e, da garganta decepada, sai outra cabeça do profeta Baptista; e dessa sai outra cabeça, também do profeta Baptista, etc.

Corro então aos aposentos de meu pai, Herodes, que está sentado no seu trono com a espada de fogo.

— Pai, tenho quinze cabeças do profeta João no meu quarto, a rolarem sobre os tapetes de Babilónia!

E meu pai, Herodes, com a sua proverbial sabedoria, herdada do antepassado Salomão, disse-me:

— Filha Salomé, o melhor é dançares, pois essas quinze cabeças não são mais do que a imagem, em ponto pequeno, dos milhares de cabeças do profeta Baptista que rolarão perante o teu retrato, pelos séculos fora!

Descalçando-me, saltei para cima das brasas que ardiam no meio da sala de audiência, e dancei pela última vez, perguntando a mim própria por que razão meu pai, Herodes, me enviava todas as noites, de bandeja, uma cabeça degolada de onde saíam quinze cabeças iguais, tal como sucedia no meu sonho."

Para Rousseau nada daquilo fazia sentido. Atirou o papel para a lareira, onde as últimas madeiras ardiam, e viu-se reflectido, pela luz da chama subitamente avivada, no vidro da janela: da sua cabeça, cortada pelo vidro em guilhotina, saía o Contrato Social; de onde saía a sua cabeça; de onde saía o Contrato Social, etc.

Com a cabeça nas mãos, o filósofo ficou a pensar que, afinal, talvez não devesse ter queimado o papel...

A Igreja Desaparecida

A aldeia de Uris ficava nos confins de um litoral verdejante, bordejando porém uma larga região pantanosa que, a partir de Março, era um paraíso para os caçadores furtivos. Poiso obrigatório das aves migradoras, no seu regresso dos países do Sul em direcção ao grande Norte, aí se podia ver um catálogo geológico das mais belas espécies, levantando voo em bandos compactos à medida que a primavera o permitia. O Sol nascente, dissipando as névoas nocturnas como o sopro do vento arrastando flocos de algodão, alongava os seus raios pelas vastas lagoas deixando entrever crispações profundas que se transmitiam às ondulações nervosas dos juncos e canaviais a que a geada dava um brilho acobreado.

No inverno, contudo, dir-se-ia que passávamos a um outro continente. Toda a paisagem tinha a mesma sinistra brancura, entrevendo-se aqui e ali a copa enegrecida de abetos queimados pelo temporal. O céu, durante o dia, tinha a cor uniforme do aço, ameaçando a cada instante abater-se sobre o mundo; mas o breve crepúsculo transformava-o numa larga boca de catarata de onde jorravam as torrentes do dilúvio, engrossando ribeiras, outrora humildes, em correntes impetuosas que, numa avidez de precipício, corriam para as praias devastadas pelo suplício constante das marés.

Era aquele lugar uma escala obrigatória da navegação que, ladeando a Bretanha inóspita, buscava o golfo da Biscaia rumo ao oceano. Cascos comidos pelas algas e pelo sal atestavam ao longo das falésias, o fim das incontáveis tripulações que, num último esforço, tinham tentado resistir à muralha de recifes que o constante movimento das espumas ia pondo a descoberto, roubando-lhes a esperança de um derradeiro sono em terra firme.

Coube-me, há alguns anos, na ingrata tarefa de inspector dos portos e faróis, visitar a península de Uris, precisamente em meados de Dezembro. Retido na estação de caminho de ferro por uma tempestade de

neve que bloqueou todos os caminhos para a aldeia, só na véspera de Natal consegui chegar a Uris, graças a um destemido aldeão que, não receando a intempérie, e conhecedor dos caminhos do pântano, me conduziu no seu frágil mas seguro coche, puxado por duas possantes mulas cuja respiração ofegante soltava nuvens de vapor na claridade gelada da tarde. Chegámos, já noite escura, sob uma chuva persistente que, misturando-se à neve de dias, formava uma lama esbranquiçada onde os únicos ruídos que se ouviam eram o chiar persistente das rodas junto ao badalar espaçado da sineta presa sobre o assento cocheiro.

A nossa chegada às primeiras casas, pouco antes das onze horas, coincidiu com um espantoso relâmpago que abriu o céu de uma ponta à outra, a que se seguiu quase de imediato um trovão que eriçou os pêlos dos animais que nos puxavam, e que a frágil luz da lanterna deixava entrever. O tempo de entrarmos na hospedaria, e desencadeara-se uma das maiores tormentas a que alguma vez assisti em dias da minha vida — pese embora o facto de me encontrar resguardado num canto da sala, aquecendo-me ao fogo lento de boas madeiras e bebendo um forte cordial que me dava alento para ouvir algumas conversas.

— Falta pouco para a festa!, disse uma voz, desencadeando algumas gargalhadas blasfemas.

— Não compreendo, disse eu, como vos referis ao sagrado uso da Missa da Meia Noite em tais termos! Pensava que as povoações da beira-mar tinham noutra conta as tradições!

Senti-me ser olhado com sincera comiseração.

— Talvez amanhã não pense assim... se lá chegar!, disse uma voz de alguém que se esgueirou pela escada de caracol.

Uns dedos calejados pousaram-me no ombro:

— Se for para desafiar os elementos, levo-o a uma missa que jamais esquecerá.

Recém-chegado, desconhecendo os costumes da região, não ousei dar parte de fraco. Começou ali uma aventura que transformou a cor dos meus cabelos.

Quando saímos da taberna a tempestade abrandara, embora a ventania glacial me fustigasse o rosto. Protegido por um espesso capote de marinheiro, que o dono da estalagem me emprestara, acertei o passo pelo meu guia que, indiferente à hostilidade dos elementos, avançava pela treva. Saíramos da aldeia há bem um quarto de hora, quando me chegou aos ouvidos através do rugido do vento, um cavo toque de sinos.

— Aí estão eles... como todos os anos!, gritou o meu companheiro.

Uma luz irreal, esverdeada, surgia à nossa frente, acompanhada por um cheiro intenso ao mofo húmido que só quem entrou no porão de um velho cargueiro poderá ter experimentado. Subitamente, apercebi-me de que inúmeras sombras se erguiam à nossa volta, dirigindo-se na mesma direcção. Em breve se nos abria o portal de uma velha igreja, nascida dos lodos do pântano, onde ia entrando toda aquela gente.

Sentámo-nos no último banco. Pouco a pouco fui-me habituando à obscuridade — apercebendo-me então de que os homens que entravam e iam enchendo a nave se encontravam vestidos das formas mais inverosímeis, numa variedade de trajes e fardas marítimas que cobriam inúmeras épocas. Não distinguia os rostos nem as mãos, e duvido hoje que eles os tivessem pelo menos na sua forma natural: mas o que não esqueço é aquela missa rezada em pelo menos vinte línguas diferentes, num som baixo e deseperado que se aproximava do próprio ruído da ressaca, no intervalo entre o rebentar de uma onda e a formação da seguinte, em que a ameaça se nos torna perceptível sem que nada possamos fazer para a evitar.

Quando os sinos deram o fim da Missa, apenas sei que perdi a consciência dos meus actos, vindo a encontrar-me já de madrugada, a vaguear nas redondezas da aldeia onde alguns voluntários me procuravam com lanternas e campainhas.

Fiquei uma semana numa profunda prostração, após o que realizei a minha tarefa e pude regressar ao continente.

Dois romanos discutem um caso jurídico

Tudo aquilo me pareceu estranho. O próprio Pôncio, por diversas vezes, me confessou que se sentira manipulado, embora não possuísse provas de qualquer conspiração. Um crime perfeito!

— Mas, pelo que me dizes, o criminoso foi a própria vítima!

— Sim. Mas vê os factos: o juiz não podia decidir de outro modo. Ele fez a pergunta que poderia ter ilibado o réu — e este condenou-se ao dar a resposta errada ou, pelo menos, ambígua. Não houve as formalidades habituais de um julgamento: as longas discussões, os apelos à clemência, o recurso a um júri isento.

— Como?

— Sim: vê bem. Naquele caso, o júri foi a multidão que optou por ele, libertando um outro, esse sim, criminoso confesso. Ora a multidão, como se viu depois, estava infiltrada por amigos dele — não o tinham recebido dias antes de forma triunfal? O comportamento unânime, ao condená-lo, soou-me a algo de combinado. Havia uma forte cumplicidade naquele ambiente, uma pressão para que a decisão fosse tomada com rapidez.

— Não vejo bem porquê.

— Verás! O eclipse estava anunciado para as três da tarde. O processo termina tão abruptamente como começara, com a sentença da multidão. Imediatamente arrastam o homem pelas ruas, quase o empurram, ao longo de uma distância infindável, para que ele chegue ao local do suplício antes daquela hora. A agonia é prolongada (ele estava quase moribundo quando o levaram, dada a debilidade em que se encontrava no dia do julgamento) com o recurso ao vinagre, que é um forte estimulante. Inesperadamente, perto das três, um centurião (comprado, soube-se depois) dá-lhe o golpe de misericórdia.

— Dizes-me então que a vítima se comportou ao contrário do que é habitual. Que ele dominou desde

sempre a situação, marcando quer os tempos do acontecimento, quer os seus participantes? Parece que me falas de um jogo, embora estivesse em causa uma vida humana, em que as peças se moviam em função de um resultado futuro, não vejo qual.

— Começas a compreender. Hoje, tudo me parece absurdo, a começar pelo roubo do cadáver. Nem sequer com essa peça de veneração eles ficaram! Nos dias seguintes, todos os seguidores dele se eclipsaram, como por encanto. Ainda há dias ouvi falar de um, que foi visto nalgumas cidades helénicas. Mas aparentemente é como se todas as paixões daqueles dias se tivessem dissipado no instante do eclipse.

— Bom, não falemos mais disso. Há, contudo, um pormenor que me intriga: se eles sabiam a hora do eclipse, porque é que não adiaram a sentença? Teria sido possível lançar o sol na mesa como um dado susceptível de fazer virar a sorte do jogo. Ele poderia dizer: "Vede o sinal que o pai vos envia para indicar a fronte do Justo". Por que o não terá feito?

— Receio bem que o problema fique sem solução. Casos destes, dada a obscuridade das circunstâncias e a sordidez da gente, melhor é que fiquem assim, perdidos como grãos de areia no deserto dos tempos.

O Corvo

As pedras amontoam-se no velho cemitério judeu de Praga. No Inverno, com os túmulos cobertos pela neve, um corvo salta de uma para outra, procurando com o bico algo que, para o observador, bem poderia ser uma das antigas inscrições talmúdicas. Agora, deteve-se: e um grito lamentoso e rouco atravessa o ar enregelado até se ir confundir com o sino de santo Estêvão, no outro lado da cidade.

Nessa noite, Bruno Kolar apressa-se em direcção a casa. Os pés enterram-se na neve, dificultando a marcha. Teve um dia tranquilo: o frio não convida as pessoas a visitarem os parentes mortos e ele, na sua casa de guarda, fixando o medalhão de bronze que representava o Tempo implacável na figura do anjo de rosto velado, ia fumando cigarro após cigarro. Era assim desde há três décadas, quando — ainda um jovem! – entrara como aprendiz na limpeza dos canteiros.

"Quatro!", ouviu." — "Quatro!", novamente, ao longe. Parou a meio da ponte. Aquele número, que coincidiu com o tocar do sino na meia hora, em Santo Estêvão, acordou uma reminiscência no seu espírito.

Tinha sido um dos seus primeiros trabalhos. Cavara a terra na cova gelada, amaldiçoando a sorte que o conduzira àquele trabalho. De súbito, a pá bateu num corpo mole. Cavou à volta com precaução, e desenterrou um pássaro morto: um corvo. Como viera ali parar? Ainda esteve para chamar alguém e mostrar-lhe o fenómeno. O animal estava incorrupto, e só os olhos vítreos mostravam a fixidez da morte. Não resistiu a um impulso de que, muitas vezes, se viria a arrepender quando pensava no assunto — e, com uma agulha de pinheiro, furou o globo gelatinoso dos olhos.

— Kolar, é o número quatro!, ouviu dizer-lhe o supervisor. Sobressaltado, voltou a enterrar o animal e pintou, na pedra branca que ficaria a indicar o túmulo, o número quatro.

Agora, estava parado no meio da ponte. Foi assim

que o encontraram, no dia seguinte, como se fosse uma estátua. Só as órbitas vazias, parecendo trespassadas por um objecto cortante, punham pouco à vontade o médico legista.

— Morreu de enregelamento, sem dúvida. O coração parou às quatro da madrugada. Só não percebo porque lhe terão enchido os olhos com agulhas de pinheiros.

Dois apólogos teologais

Um paradoxo do diabo

Repitamos em coro: "**O Diabo seja connosco!**" — e "**o Diabo seja connosco!**" ressoa duplamente nas abóbadas cisternadas. Uma humidade sulfurosa impregna as narinas dos fiéis. A aparição concretiza-se num ápice. Uma figura com o dobro do tamanho de um homem normal, uma máscara encarnada a tapar o rosto e um rabo terminando em ponta de seta, surge no altar, segurando um cálice de fogo. O cheiro a enxofre é mais intenso.

— Irmãos, diz ele. O fim dos tempos está próximo. Sabeis o que isso significa? Que o meu fim está a chegar pois, como sabeis, tenho duração limitada. O meu tempo depende do vosso. Só enquanto existir o homem, susceptível de tentação, a minha existência se justifica. Ora se sou o Diabo não sou parvo! E por isso venho pôr-vos muito sinceramente e de coração nas mãos o meu problema...

... posto o que, abre o peito, tira o coração com as mãos e apresenta-o à assistência: um órgão negro, deitando uma luz amarelada e um cheiro fétido.

— ... que é o seguinte: como qualquer ser vivo, não estou disposto a dar a minha vida de qualquer maneira. E mais: o meu objectivo é a vida eterna. Como consegui-la? Eis a única forma: suprimindo o mal. Se o fizerdes, deus não terá qualquer justificação para acabar com o mundo — e eu poderei continuar inspirando este pecado supremo que é: fazer o bem para impedir a consumação do Reino de Deus na Terra!

Falso Apocalipse

Fui acordado pelo crocitar dos corvos na minha cabeça. Levantei-me e, com espanto, verifiquei que o meu corpo continuava deitado. Um dos pássaros

comia-me o olho direito; o outro olho estava reduzido, já, a um buraco gelatinoso por onde saíam restos esverdeados do cérebro. O céu estava completamente branco: não se via o sol nem a lua e, ao longe, um buraco negro dava entrada às legiões prateadas dos anjos finais. Com um gesto de mão mandei-os parar. Olharam-me, surpreendidos: manifestamente, era a primeira vez que tomavam contacto com um ser humano.

– Que quereis? Acaso chegou o Juízo? Mas então onde estão os outros, os que deviam ser julgados comigo?

Atónitos, deram então por que a planície estava deserta — tirando o meu corpo que os corvos acabavam de devorar, e a minha alma manifestamente incomodada pois emitia uma luminosidade vermelha.

O mais velho (era, sem dúvida, Gabriel) respondeu-me então:

— Perdoar-me-eis, mas viemos aqui devido a uma informação falsa. Fomos guiados pelos toques das trombetas, mas apercebo-me agora de que o que ouvimos talvez fosse o ruído dos trovões; ou o grito que Lucífer costuma soltar na altura dos solstícios.

E, voltando-se para os outros:

— Regressemos!

O ruído das asas e das espadas era impressionante! Antes de levantarem voo, arrastaram os pés pelo chão (estavam manifestamente desabituados de andar) como albatrozes infelizes, erguendo nuvens de poeira escura. Quando desapareceram, fechando a nesga do horizonte, fiquei só comigo. Peguei no meu cadáver e arrastei-o até à margem do rio, onde o lavei. Nessa altura começava já a ter fome. Acendi uma fogueira e, com os meus próprios restos, preparei uma lauta refeição.

Durante uns dias, não teria que me preocupar com comida!

Um problema insolúvel

O matemático Salomon Cranach (segundo os genealogistas, descendente do famoso pintor) levou os seus erros metafísicos (a que os contemporâneos chamaram "extravagâncias") ao ponto de dizer que dois e dois eram cinco. Nada menos que cinco tratados, de cerca de quatrocentas páginas cada, justificam esta bizarra teoria — justificando, ao mesmo tempo, o esquecimento em que jazem nos depósitos de várias bibliotecas europeias. A tal ponto o desconsideraram que, praticamente, ninguém saíu a terreno para o refutar — nem com um simples artigo de jornal.

E, no entanto, os argumentos de Cranach tinham, por detrás, a mais sólida das argumentações. Ouçamo-lo: "À soma de 1, mais 1, mais 1, mais 1, que dá irrefutavelmente 4, deverá acrescentar-se a própria unidade, de onde resulta não menos irrefutavelmente 5." ("Geometria Filosófica", Heidelberg, 1867, pág.356).

No artigo que a monumental *Encyplopedia Ghermanica* lhe dedica (ao todo, são três linhas em corpo miúdo), lê-se:

"Cranach, Salomon (1832-?), matemático, etc.". O pormenor que chamou a atenção dos investigadores foi a ausência de data da morte. A única hipótese apontada com alguma verosimilhança refere as experiências a que, depois de publicado o quarto tomo da sua obra, se dedicou: construía um aparelho que, dizia ele, lhe permitiria atingir a quinta dimensão. Após o seu desaparecimento, a única coisa que encontraram no seu quarto foi esse aparelho ou o seu esqueleto: quatro tábuas calcinadas no interior de uma esfera de cobre.

Removidos os restos (note-se que, no aparelho, mal caberia um gato), caíu uma figura, de uma substância parecida com gesso, que reproduzia fielmente, o corpo do matemático. Essa figura, conservada no Museu da Ciência de Berlim, desapareceu no devastador incêndio que consumiu uma das alas do edifício há cerca de vinte anos.

Oxford, 10 de Agosto de 1908

O último auto da Inquisição

Nesse ano de 1815, Bracara era uma cidade medieval. A antiga muralha dava volta ao labirinto das casas, escurecendo ainda mais as ruas estreitas e sujas onde se agitava uma numerosa população de artesãos e comerciantes, que constituía um corpo laborioso, ao lado do qual formava contraste a negra legião de sacerdotes cujas classes diversas — cónegos, diáconos, seminaristas, bispos — formavam uma entidade autónoma, perpetuando a tradição religiosa que, desde tempos imemoriais, convertera a obscura localidade arrasada por sucessivas ondas bárbaras, que haviam destruído o esplendor da Augusta Bracara romana, numa nova Roma portuguesa. A decadência da era napoleónica, hostil à Igreja e depredadora das riquezas autóctones, bem como a crise do magistério eclesiástico que não suportara a concorrência com a universitária Coimbra, a Lusa Atenas, não se repercutira ainda de forma visível na vida urbana, pólo de atracção para as populações de toda a província cuja religiosidade se sublimava no santuário da cidade em peregrinações quase semanais, estimuladas pelas dificuldades económicas, pelas fomes, pela mobilização dos conselhos rurais em prol da tradição, constituindo-se assim o germe das futuras frondas antiliberais que iriam dilacerar a província e motivar a intervenção estrangeira.

Uma rápida perspectiva da cidade, no entanto, dar-nos-ia uma impressão alegre e garrida, com o olhar tentando prender-se nos telhados góticos, nas varandas floridas, nos portais de pedra elegantemente trabalhada por anónimos mestres renascentistas, nas flâmulas com as cores das igrejas, das irmandades e das famílias nobres, transmitindo uma sugestão, aparente embora, de poder e de opulência; e talvez nem déssemos pela existência, nas imediações do ancestral solar dos Biscainhos, de um conjunto lúgubre de habitações estendendo-se até à porta dos Remédios — a

menos frequentada das entradas da cidade devido à sua população especial.

É sobre o abrigo do estreito corredor da porta muralhada e de arruinados alpendres que estendem as suas bancas andrajosas criaturas, de raças mescladas pela promiscuidade das gerações, cujos gritos estrídulos anunciam aos viandantes miraculosos produtos: poções herbais para febres de todo o tipo, unguentos contra maleitas dérmicas, chás alquímicos, xaropes estimulantes da vida e dos sentidos. O desprevenido galego, ou algum membro do corpo expedicionário britânico em gozo de licença, ou ainda o devoto a cumprir penitência na romaria das festas semestrais, que por ali entrassem, julgar-se-iam atravessando a própria entrada dos infernos ao cruzarem a sucessão inacreditável dos rostos deformados pela doença e pela idade, com as cabeleiras sujas, da espessura da estopa, a despontarem dos intrincados nós de turbantes quase sem cor, do uso imemorial. Braços esqueléticos, terminando em ossudas garras com unhas afiadas como lâminas, agarrar-lhes-iam os ombros, chamando a atenção para as virtudes de determinado produto com mais eloquência do que a linguagem praticamente incompreensível daqueles seres de origem indefinida, transplantados para ali de alguma fábula oriental; e não admira que o negócio prosperasse, pois quem não hesitaria em despender alguns soldos para se libertar daqueles vorazes Cerberos?

Mas, por muita pressa que o terror suscitasse aos passantes, a nenhum dos que ali esteve nesse ano já longínquo escapou um aberrante fenómeno da natureza: uma rapariga, negra como um tição, e com os olhos de um azul profundíssimo em harmonia com o dourado mel dos cabelos. A que exótica tribo africana pertenceria? Que prodígios teriam influenciado a sua hereditariedade? — eis as perguntas que terão ficado sem resposta em muitos lábios.

A explicação é bem mais terrível do que tudo o que se poderá imaginar. Mais do que um estrangeiro que,

atraído pelo fenómeno, dela se aproximou, terá momentaneamente perdido a fala. O corpo, se bem que mantendo os traços de uma excepcional beleza, compunha-se de placas de pele enegrecida aglutinadas por uma transpiração incessante dos tecidos porosos. Da primitiva composição, só os olhos e os cabelos se mantinham: tudo o resto fora alterado por efeito de um cataclismo físico cujas causas poucos conheciam.

Um pouco mais adiante do "Lugar da Negra", um velho de lábios torcidos pelo vício, sustentava-se da venda do terrível segredo.

— Senhor, meu senhor, susurrava ele com uma gargalhada escarninha, ao emudecido espectador.

E rematava:

— Um real pela história dessa mulher!

Aproximemo-nos dele. Estica o pescoço engelhado e, entreabrindo a boca onde os dentes parecem espinhas de peixe, desfia a ansiada narrativa.

— Em vésperas de chegada dos Franceses, o Rei, na esperança irracional de deter o fulminante avanço, decidiu oferecer um sacrifício supremo à divindade. Conseguido o concurso da Inquisição, preparou-se um dos mais sumptuosos autos-de-fé de que há memória em pleno rossio de Lisboa, ainda parcialmente em obras depois da destruição pelo terramoto. As vítimas eram cristãos-novos e alguns pedreiros-livres, apressadamente arrebanhados numa noite de devassa por casas e botequins denunciados. À frente do cortejo seguia uma jovem de rosto encoberto mas deixando adivinhar uma beleza singular. O suplício processou-se como habitualmente. Quando as fogueiras ardiam, porém, uma chuva violenta de granizo abateu-se sobre a praça: e, como não parasse, religiosos e autoridades juntaram-se à população na debandada, a que o rebate dos sinos, anunciando a presença francesa na charneca de Loures, aumentara o pavor. Quando a guarda-avançada de Junot desembocou no terreiro deparou-se o espectáculo macabro de alguns catafalcos fumegantes, nalguns dos quais se agitavam figuras semi

queimadas, que o granizo salvara da morte infamante. Uma dessas figuras era a jovem encoberta que os físicos da expedição francesa conseguiram salvar. E eis a revelação suprema!

Aqui, o mendigo extorquia um novo real que o ouvinte, enfeitiçado, já não conseguia poupar. Aclarando a garganta com um gole de aguardente, o miserável concluía:

— Apurada a identidade da infeliz, a notícia foi levada a Junot cujos cabelos se eriçaram de agonia: o crapuloso Rei, incapaz de defender os seus súbditos pela coragem do combate, acabara de oferecer a sua filha mais nova às garras do Todo-Poderoso! Felizmente, só duas pessoas estavam a par dessse facto. Junot mandou executá-las e, após certificar-se de que a infeliz infanta ficara privada da razão, colocou-a num asilo de religiosas. Com a extinção das Ordens, após o triunfo da facção liberal, a infanta, irreconhecível devido às placas negras das queimaduras, vagueou pelo país, vivendo da mendicância, até que a irmandade dos curandeiros a tomou sob a sua conta e lhe deu emprego, no lugar em que acabásteis de a ver.

Apressemos o passo. Deixemos para trás a visão infernal e, libertos do emaranhado das ruelas obscuras, desemboquemos no largo da Sé onde poderemos aproveitar para elevar o espírito acima destas misérias da história passada.

A descida aos infernos

Ouviu as palavras «Está consumado» como se um outro as tivesse dito : o som, abafado pelo céu de tempestade, pelo choro das mulheres e pelo murmúrio da multidão, já não tinha um sentido perceptível para o seu cérebro de onde a vida se esvaía. O espírito flutuava, agora, sobre toda aquela cena, como se já nada tivesse a ver com aquilo. Apercebia-se da devastação dos elementos: os montes que se abriam ao meio, a cidade que o tremor de terra devastava, o terror das gentes que corriam de um lado para o outro, dominadas pelo terror. Mas tudo lhe era, já, indiferente; e foi com alívio que essas imagens desapareceram do seu horizonte.

Descia. O sentido do seu movimento parecia-lhe contraditório com tudo o que alguma vez lhe fora ensinado: a ideia de ascensão, a libertação dos sentidos em direcção a um fim superior e sublime. No entanto, era o contrário que se verificava. Caía em direcção a um buraco negro, de onde saíam fumos espessos e brilhos de chamas. Tentou olhar para cima, chamar pelo Pai — embora não se tivesse ainda dissipado o ressentimento que sentia para com Ele por causa da provação que lhe fora infligida. Num dos diálogos — ou melhor, monólogos — em que tivera de argumentar a favor de uma outra saída, perguntara-lhe:

— Porquê este sacrifício? Por que não me deixas sair vencedor — e abrir, finalmente, o Milénio do Bem? Por que terão estes homens de continuar a sofrer a punição desencadeada pelo pecado inicial? Deixa que eu os convença, fazendo perante eles o milagre decisivo e definitivo, ao oferecer-lhes a imortalidade do Paraíso — e que se acabe a condenação do parto, essa reprodução absurda e sem limites que leva à devastação dos continentes e provoca o desejo de espaço vital e de conquista, que é a fonte de todos os males e de todas as insatisfações do Homem!

Não lhe respondera, o Pai. Nenhum sinal do Alto

lhe chegara, o que significava sempre, de forma clara e inequívoca, a desaprovação das suas palavras. E agora, enquanto descia, esse episódio vinha-lhe à memória — se é que um espírito pode ter memória. Será que esse instante de dúvida em relação à sua missão, esse momento de desalento ou, pelo contrário, de excessivo orgulho, não teria arrastado a sua queda ao nível dos que, durante trinta e três anos, haviam sido os seus semelhantes? Então, pensou, iria sofrer a mesma condenação a que os homens se sujeitariam depois da morte: o purgatório ou, mesmo, o próprio inferno?

Envolviam-no já os fumos fétidos; respirava o odor pútrido das profundezas; o espírito que, durante um tempo que lhe parecera uma eternidade, recuperava agora a densidade física do corpo, com todas as sensações que lhe permitiam aperceber-se da atmosfera insuportável do lugar

Porém, tudo isso não era nada ao pé do espectáculo que o aguardava. Um oceano infinito de azeite, chamas e pez agitava-se debaixo dele. Pensou que via apenas a agitação normal do líquido que ferve mas, ao aproximar-se, viu que toda aquela superfície correspondia a uma infinidade de braços e cabeças que emergiam do líquido em ebulição, traduzindo um sofrimento infinito e intraduzível. Ali se juntavam, então, todos os condenados que, desde o remoto Caim até ao último Judas, tinham bebido até ao fundo o cálice das delícias interditas: e que agora recebiam a justa recompensa pelos seus crimes. O que ele via, no entanto, não eram os casos particulares de cada criminoso. Estendia-se, debaixo dele, uma segunda humanidade que reflectia, nos gritos e no indescritível vozear da sua dor, uma existência tão verdadeira e profunda como aquela do paraíso que ele tinha apontado aos homens como a única aspiração possível. Então, estava ali o reverso da Casa do Pai? Revelavam-se-lhe, naquele instante, os subterrâneos fétidos da eternidade! E essa realidade enchia-o de incompreensão e de pavor, como nunca havia experimentado.

— Pai, o que é isto? Pai, para que é isto?

Sentiu que alguém lhe pegava na mão. Voltou-se. Um anjo de expressão enegrecida no rosto que mantinha o vestígio de uma beleza antiga, apesar das olheiras e das rugas, sorria-lhe ironicamente.

— Estás a ver? O teu sofrimento de nada serviu. Este mar continuará a receber as tripulações humanas a quem as tuas palavras não conseguirem convencer. Ninguém os poderá, alguma vez, tirar daqui — a não ser que...

Olhou-o com atenção. O Demónio queria dizer-lhe alguma coisa de infinitamente interdito, algo que só o extremo desespero conseguiria engendrar.

— Sim, prosseguiu ele, a não ser que tu queiras sacrificar-te por esta que é, afinal, a maior das missões prometidas a alguém.

— Como?

— Sei como o Pai te ama. Pensas que Ele não seria capaz de tudo para te salvar e te levar novamente até junto dEle, para ocupares o lugar que te prometeu à sua direita? Sabes, por isso, que o teu sacrifício será sempre resgatado. Então, peço-te, junta-te a esses que aí estão, partilha o seu anonimato nas profundezas do oceano fervilhante; e um dia destes, uma destas eternidades, Ele ver-se-á forçado a abrir o seu coração e a descer até aqui. A tua salvação será o resgate de todas as gerações do Homem.

A dúvida passou-lhe pela alma com o bater agitado da sua asa de negrume. A decisão estava tomada — e, largando a mão do Anjo tenebroso, preparava-se para mergulhar, juntando o seu ao destino de todos aqueles miseráveis, quando uma Voz o puxou para cima, restituindo-lhe a dimensão etérea do Espírito:

— Passou o terceiro dia. Podes subir até mim.

Só não se apercebeu de que, na sua mão, levava um resto de cinza podre que ficara do seu contacto com Lúcifer.

A Ceia

Graças à ciência, sabe-se hoje que o universo nasceu há muito mais tempo do que se imaginava. Não é nisto que penso quando toco à campainha do bar e espero que uns olhos invisíveis me fixem através do judas, antes que a porta se abra para que eu entre. Um bar é feito para que, lá dentro, não se pense mais nada. Vou ao balcão, peço um bourbon com gelo, mais do que aquele que me põem, e sento-me junto do palco, onde a música está demasiado alta para que possa ouvir o que me dizem, ou para que possam ouvir o que lhes digo. Maria, que vem comigo, ensina-me os passos desta vida que me era estranha até há uns meses. Então, acabara um trabalho que ocupara os melhores anos da minha vida. Depois, fiquei desempregado, isto é, o meu espírito perdeu a motivação que, durante esses anos, lhe permitira impedir-me de pensar no prazer e, até, nas ocupações simples do quotidiano.

Saímos do bar. Ganhei o hábito de olhar o céu, à noite, quando o tempo o permite. É preciso que a cidade esteja mais escura do que é normal. O negro do céu deixa entrever uma vida que se prolonga para além do espaço e do tempo. Depois, alguém me chama. Retomo o caminho ao longo da rua. Maria fala-me do seu emprego ; e não se importa que eu não lhe responda. Só mais tarde lhe dou uma explicação, pela razão única de que entendo que se devem dar explicações sempre que elas nos são pedidas, por difíceis que sejam. Mas quando ela me falou, eu pensava noutra coisa. Ela já sabia isso. Só não percebia é porque é que eu ainda a ouvia, com essa distracção permanente para com o real de que ela fazia parte. Não lhe disse que o frio que me habita os sentimentos me impediu, desde sempre, de reagir emotivamente aos outros.

O corpo dela toca-me. Respondo a esse estímulo com um leve abraço. Chegamos ao restaurante e deixo-a passar à frente. O empregado cumprimenta-me. Conhece-me de me ver à hora do almoço. Estra-

nha este aparecimento nocturno e, para mais, acompanhado. Não há nada de inesperado nesta reacção. Criamos uma determinada imagem e, depois, ela cola-se-nos à vida, que nada tem a ver com ela.

Maria escolheu a mesa. Sentamo-nos ao fundo, junto de um casal que acaba a refeição. Só quando eles se levantam é que começamos a falar. Digo-lhe que não percebo por que é que não nos tratamos por tu. Ela diz-me que isso é natural. Não nos conhecemos numa época favorável à intimidade. O criado traz a lista e espera que nos decidamos. Ela não quer jantar. Eu olho para o prato que me põem à frente. O fundo branco torna-se escuro e transforma-se numa superfície sem fundo. As estrelas brilham. Sei que já morreram há biliões de existências-luz, mais do que alguma vez poderia imaginar; e que talvez eu próprio tivesse participado dessa vida e dessa morte, que agora aqui se repetissem, nesta noite banal de um encontro de restaurante.

Maria espera que eu lhe responda. Enfiei-me no prato e perdi-me nessa noite obscura de que não conheço nenhum canto.

O criado traz-me, então, a eternidade. Corto-a aos pedaços e meto-a na boca, com os pedaços de peixe que me serviram. O vinho ajuda-me a engolir.

Maria já não me olha; o seu olhar perde-se no fundo da sala onde uma gravura antiga representa um outro jantar, sem mulheres.

Ecce homo

Tirou o lenço do bolso e pô-lo na cabeça: um lenço branco, de linho, com o anagrama «J.C.» bordado: as letras sobrepostas, entrecruzadas, desenhando uma figura meio animal meio vegetal. Pôs o lenço por forma a ficar com os olhos tapados. A luz chegava-lhe de um modo difuso, amenizado. Sentiu o suor impregnar o lenço, e depois o sangue. Mas não o tirou. Cruzou as mãos em frente do peito e esperou.

Sentara-se em frente do quadro, na sala deserta do museu. Os lábios tinham uma cor esverdeada, resultante sem dúvida do sentimento de agonia que traduzia a dificuldade que o corpo tinha em aceitar o destino que o condenava. Nenhum crítico reparara nessa relação que o tempo estabelecera entre a cor dos lábios e o sentido do quadro; até porque essa cor resultava de uma degradação normal do vermelho primitivo e, possivelmente, nunca estivera na intenção do pintor, que quisera que o retrato tivesse um aspecto natural, perfeitamente humano, idealizado e perfeito, em contraste com as figuras do gótico final que reproduziam já os sentimentos e as formas da vida.

Uma rapariga sentou-se ao seu lado com um caderno de esboços, que abriu, começando a desenhar. Viu que esse desenho acentuava os traços esquemáticos do quadro; e reparou que ela subia ligeiramente a posição do lenço, deixando ver os olhos. Encostou-se no banco, esperando que ela reparasse na sua atitude; mas ela continuou a desenhar, concentrada unicamente no traço do rosto, procurando desvendar uma angústia que o original, apesar de tudo, conseguia disfarçar sob uma aparente serenidade.

— Nenhuma cópia conseguirá transmitir a perfeição do original, disse-lhe, esperando com isso provocá-la.

Ela levantou os olhos do caderno, fixou-o, mas não respondeu, esperando que ele explicasse melhor o que queria dizer.

— Nada do que dizemos tem que ter, necessariamente, explicação, disse-lhe ele.

E levantou-se. Ela imitou-o.

— E se fôssemos ao jardim?

O guarda olhava-os, da porta. Percebia que havia ali uma situação incómoda, uma quebra na realidade que os rodeava, fixa e estática como todos os quadros. Mas nada se passou de anormal. Ela disse:

— Vamos.

E seguiu-o, aproveitando a iniciativa que lhe permitia fugir daquele sítio.

— Não gosta de museus?, perguntou ela.

— A vida para mim é que é um museu. O que é preciso é multiplicar as paredes para ter espaços brancos, neutros, em que não seja preciso cansar os olhos com as imagens que os outros nos dão de nós próprios.

Ela já não acompanhava o seu raciocínio. Olhava os arbustos e os canteiros com flores e levava o café à boca, evitando ainda tocar o rebordo da chávena. Lá dentro, dois casais de estrangeiros, sentados em frente do balcão self-service, liam os folhetos com indicações úteis acerca do roteiro das salas.

— Assim é que devíamos fazer: seguir aqueles percursos que nos determinam e não pensar no sentido dos nossos passos. Sou pela perda da individualidade.

Ela riu-se.

— Não é nada. Se fosse, o que é que estava a fazer naquela sala que vem no roteiro, em frente de um quadro que não tem importância nenhuma em nenhuma história da arte?

— Estava à sua espera.

Ela não esperava esta resposta. Ele pegou-lhe no rosto e beijou-a. O sentido do seu gesto perdeu-se no reflexo de vidro da janela do bar, que deixava passar as imagens dos turistas que consultavam os guias. Depois, colheu uma flor branca e ofereceu-lha, não se importando com o ar de reprovação do empregado do bar que saía, naquele momento, para lhes perguntar o que queriam.

— Posso servi-los?

— Traga mais dois cafés, disse ela.

— Se não quiser o seu posso tomá-lo. Não me importo de perder o sono. Prefiro perder o sono a perder esta vida precária, ainda que isso me custe a ressaca de manhãs inteiras sem nada para fazer, quando não aparece ninguém, sobretudo às segundas, quando o museu está fechado.

Ela abanou a cabeça com ar de reprovação.

— Não. Prefiro tomar mais um café a ter de sujeitá-lo ao risco da insónia. Costumo fazer isso em épocas de exame e sei o que me custa.

— O que é uma forma estética?, perguntou ele. Um género literário? Um tipo de frase? Ou o sentido de uma obra? Ando à procura de uma resposta e não consigo reflectir sobre o assunto.

Voltaram à sala, devagar.

— Não pense, disse ela. A crítica tornou-se uma actividade inútil. É preferível dar a resposta através do poema, do romance ou do quadro. Era assim que faziam os clássicos, que arranjavam intrigas artificiais para nelas encaixarem aquilo que pensavam da arte. E o resultado era, normalmente feliz.

Mas ele não acreditava nessa possibilidade. Olhava para a parede, onde se via reflectido, esperando que a expressão dos lábios desse uma resposta à sua interrogação. Beijara a rapariga, esperando que dos seus lábios pudesse colher o sabor da angústia daquele retrato de condenado: e nada lhe dera a certeza de que estava no caminho certo. O próprio sentimento que começava a experimentar em relação a ela não era suficientemente definido para que lhe pudesse dizer alguma coisa de concreto. Amava-a? Ou amava o reflexo desse olhar que ele captara do retrato? Então, o que ele amava era esse reflexo narcísico, quando contemplara no desenho da rapariga o seu próprio rosto...

Ecce homo!

O Teólogo

Considerava que a poesia era o meio de aceder ao divino. Nisso, aproximava-a do amor — outra forma de mediação, mas que colocava num nível inferior, profano, ao contrário da experiência poética, sagrada.

Entrou em disputa com os mestres do seu tempo. Diziam-lhe que só a prática solitária da contemplação permitiria entrever o rosto espiritual do Ser. Mas ele escolhera a multidão e, até, as formas mais baixas de convívio: as tabernas, os prostíbulos, os bancos da universidade, as feiras.

Foi preso e julgado. Fecharam-no numa cela, condenando-o a copiar os tratados em que defendera as teorias proibidas: e a emendá-los nas passagens indicadas pelos juízes. Cumpriu a pena. Os seus novos escritos foram lidos e apresentados como exemplo de um arrependimento completo.

Quando saíu tinha os cabelos brancos e o rosto envelhecido. Apresentou-se no púlpito:

— Vedes uma figura da Divindade. Cumpri a penitência que se exige a um Deus para se tornar humano. Agora que sou mortal posso sonhar com a eternidade.

Quando morreu, tinha fama de louco entre os religiosos e os estudantes.

A morte do filósofo

Quando o sábio Espinosa soube que a sua hora estava a chegar, pediu um exemplar da «Lógica» e, com os olhos já vítreos, folheou-o em busca de uma explicação para o fenómeno da morte. A família juntara-se à sua volta, ouvindo as preces religiosas; o físico — discretamente — mandou um serviçal levar a bacia onde o sangue da última expectoração coagulava com um odor fétido.

— É da natureza da razão captar as coisas sob o ângulo da eternidade, murmurou o moribundo.

A sua frase, porém, foi abafada pelo rumor das rezas. Alguém, no entanto, pediu silêncio ao notar que os seus lábios se agitavam.

— O sábio quer transmitir-nos a sua última vontade.

Os rostos aproximam-se (é assim que os vemos no famoso quadro do Museu Filosófico).

— Mostrei os principais tormentos do espírito, e não todos aqueles que são possíveis, pensa Espinosa.

Desta vez os lábios já não se moveram. O seu espírito flutuava sobre os corpos debruçados sobre um outro corpo cuja imobilidade desafiava as Leis da eterna vida. A «Lógica» caiu-lhe das mãos, com um ruído de folhas de outono, e fechou-se, sem que ninguém se tivesse apercebido do pensamento que ele, em vão, lhes tentara indicar.

— Tudo é absurdo, pensava agora o Espírito, enquanto se afastava já nos ares, arrastado pelos ventos continentais, e se dissipava na vasta consciência da Natureza.

Nota sobre o autor

John C. Blood (1867-1914) nasceu e viveu em Londres, frequentando a alta sociedade onde se cruzou com um Oscar Wilde, uma Sarah Bernardt, os irmãos Rossetti, entre outros. Mas não foi essa a sua opção estética — a do gosto vitoriano de um puritanismo que, no caso dos últimos, roçava mesmo o angelismo; Blood dedicou-se ao estudo das doutrinas satânicas da época, tentou inscrever-se na **Golden Bowl**, correspondeu-se com Sâr Paladan, e passou os últimos anos da sua vida numa semi reclusão de que só saiu para tentar alistar-se no corpo expedicionário britânico que interveio na primeira guerra Mundial, tendo caído numa das primeiras vagas de assalto contra a infantaria alemã juntamente com um curso inteiro de Oxford, que constituía o seu batalhão.

Um aspecto curioso da sua obra — totalmente ignorada entre nós — é o interesse por Portugal, possivelmente derivado da influência de William Beckford, de cujo "Vathek" nestes contos se encontram alguns ecos; não cremos, porém, que alguma vez tenha visitado o nosso país, socorrendo-se para a descrição de Braga de guias de viagem da época e de mapas disponíveis nos alfarrabistas londrinos ou em bibliotecas públicas, de que foi frequentador assíduo. Trata-se por isso de uma descrição excessivamente fantasista, a que se deve somar a total inverosimilhança histórica dos acontecimentos narrados: mas de bom grado se absolverão essas faltas quando confrontados com a imaginação delirante, a que o toque perverso do leitor de Bram Stoker e de Lautréamont dá curiosas inflexões.

Espera-se, assim, que aumente o interesse pela obra de John C. Blood, pese o facto de ela ser dificilmente acessível pois nem sequer em Inglaterra — o que é surpreendente — os seus livros estão reeditados, tendo-nos socorrido de microfilmes dos exemplares existentes na *British Library*.

Nota da Edição

Em *O Eterno Retorno e outros contos* de John C. Blood integram-se também os textos "O Enigma de Salomé", "A Igreja desaparecida", "Dois Romanos discutem um caso jurídico", "O Corvo", "Dois apólogos teologais" ("Um paradoxo do diabo" e "Falso apocalipse"), "Um problema insolúvel" e o "O último auto da Inquisição", inicialmente publicados na Imprensa entre 1983 e 1985.

O conto "O Demiurgo", do mesmo autor, foi incluído na brochura *O Convidado de Drácula*, de Bram Stocker (Quatro Elementos Editores, col. Fim de Citação, 1983).

Na capa de *O Eterno retorno* reproduz-se uma gravura do *Christus Salvator Mundi*, de Quinten Metsys.

Deste volume tiraram-se 250 exemplares, em *off-set*, executados por *Colibri* - Artes Gráficas, em Outubro de 1994.